

CADERNOS

EICOS



DESAFIOS
COMUNITÁRIOS

1

2020

CADERNOS

EICOS

1

Edição

Milton N Campos
Monica Machado

EICOS

2020

CADERNOS

EICOS

1

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social

2020

CADERNOS

EICOS

1

Beatriz Akemi Takeiti
Claudia Reinoso Araújo de Carvalho
Emerson Elias Merhy
Frederico Augusto Tavares Jr.
Helvo Slomp Junior
Kathleen Teresa da Cruz
Luciene Alves Miguez Naiff
Lucimara Rett
Maria Paula Cerqueira Gomes
Marta de Araújo Pinheiro

Alexandre de Oliveira Henz -
UNIFESP
Ana Lucia Silva Enne - *UFF*
Carla Santa Cruz Coelho - *UFRJ*
Célia Beatriz Iriart - *University of*
New Mexico - Estados Unidos
Clarisse Terenzi Seixas - *UERJ*
Claudia Constanza Tovar Guerra -
Universidad Javeriana - Colombia
Claudia Miranda - *UNIRIO*
Débora Cristina Bertussi - *UFRJ*
Emilio Gattico - *Università degli*
studi di Bergamo - Itália
Erminia Silva - *UFRJ*
Gana Ndiaye - *Boston University*
Guilherme Nery Atem - *UFF*
Ibis Marlene Valdivia - *Universitat*
Autònoma de Barcelona - Espanha
Jaquelina Imbrizi - *UNIFESP*
Karla Santa Cruz Coelho - *UFRJ*

Comissão Editorial

Marta de Azevedo Irving
Milton N. Campos
Mohammed Elhajji
Monica Machado
Nereida Lucia Palko dos Santos
Patricia Cecilia Burrowes
Regina Helena de Freitas Campos
Ricardo Lopes Correia
Samira Lima da Costa
Thiago Benedito Livramento Melicio

Conselho Científico

Luciana Costa - *UFRN*
Malena Segura Contrera - *UNIP*
Magda de Souza Chagas - *UFRJ*
Margarida Pla - *Universitat de*
Barcelona - Espanha
Maria Cristina Gonçalves Vincentin -
Pontificia Universidade Católica -SP
Maria Lisiane de Moraes ds Santos -
UFRJ
Maurício Garcia Lourenção -
UNIFESP
Natalia Silva Fontana Rosa - *UFRJ*
Patricia Saldanha - *UFF*
Raquel Paiva - *UFRJ*
Ricardo Luiz Narciso Moebus - *UFRJ*
Rosa Pedro - *UFRJ*
Rose Marie Santini - *UFRJ*
Sidnei José Casetto - *UNIFESP*
Thiago Braga do Espírito Santo -
UERJ

©EICOS
Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
Campus da Praia Vermelha
Edifício Nilton Campos
Avenida Pasteur 250
Botafogo
Rio de Janeiro- RJ
CEP-22290-250
Brasil
Tel.+55 21 3938-5319
www.pos.eicos.psicologia.ufrj.br
secretariaeicos@gmail.com

Depósito Legal efetuado

Coordenação editorial
Milton N. Campos e Monica Machado

Assessoria editorial
LUPA - Laboratório Universitário de Publicidade Aplicada

Capa
©LUPA e EICOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Milton N.
Desafios comunitários 1 [livro eletrônico] /
Milton N. Campos, Monica Machado. -- 1. ed. -- Rio de
Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro :
Instituto de Psicologia, 2020. --
(Cadernos do EICOS ; 1)

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-87695-05-1

1. Ciências sociais 2. Comunidade -
Desenvolvimento - Avaliação 3. Psicossociologia I.
Machado, Monica. II. Título III. Série.

20-53646

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicossociologia e desenvolvimento 302

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DESAFIOS COMUNITÁRIOS

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
<i>Milton N. Campos e Monica Machado, Editores</i>	
Contribuições desse volume.....	9
Comunidade Horto Florestal: Ação e Transformação.....	11
<i>Aline A. de Carvalho, Nicholas dos S. F. Corrêa, Almir F. dos Santos, Milton N. Campos</i>	
O Estrangeiro: Um ecossistema webdiaspórico a serviço dos migrantes, refugiados e pesquisadores daquestão migratória no Brasil.....	17
<i>João Paulo Rossini, Catalina Revollo Pardo e Mohamed ElHajji</i>	
Contribuições metodológicas da antropologia digital para as ciências sociais	21
<i>Monica Machado, Rondon Marques, Juliana Bach e Débora Mesquita</i>	



Figura 1

Equipe de alunas e alunos de graduação participantes do projeto de extensão junto à Comunidade do Horto Florestal.

Não vá atrás de mim, talvez eu não saiba como liderar. Não vá na frente, talvez eu não queira seguir você. Venha ao meu lado para podermos caminhar juntos.

Ditado da primeira nação Ute, América do Norte

Apresentação

Milton N. Campos e Monica Machado - Editores



Com mais de 30 anos de estrada, o Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, tem muitas histórias para contar... Assim, tomou a iniciativa de lançar uma coleção que permitisse a publicação de pequenos livros onde a comunidade do Programa pudesse

difundir trabalhos comunitários desenvolvidos principalmente por nossos discentes, mas também docentes e colaboradores. Nasce assim a coleção *Cadernos do EICOS*. No interesse de articular os trabalhos de docentes, discentes e colaboradores, a coleção lançará contribuições de várias naturezas: no âmbito dos variados interesses das três linhas de pesquisa do Programa, mas também de interesses transversais. Os trabalhos versarão sobre os processos de coexistência comunitária articulados pelos vários grupos de pesquisa, compartilhando reflexões e práticas

relacionadas à Ecologia Social e à Psicossociologia. Extremamente relevantes para o conhecimento psicossocial, lançamos essa contribuição para apreciação de quem investe em comunidades, busca compreender processos psicossociais contra hegemônicos e cria novas ideias para construir sonhos coletivamente, no intuito de transformar a sociedade. São relatos de pesquisa, experiências e processos em desenvolvimento múltiplos que dão uma ideia do trabalho comunitário do EICOS.

Os Editores

Preview: contribuições desse volume
Comunidades presenciais e virtuais, métodos e experiências

**Comunidade Horto
Florestal: Ação e
Transformação**

Um relato de uma experiência de trabalho comunitário levada a cabo pela equipe do grupo de pesquisa **Inter@ctiva**, mas mais que isso. Uma história de encontros!

Descrevemos como é difícil trabalhar coletivamente junto a uma população ameaçada de despejo, e conta histórias de ações, enfrentamentos, sucessos, fracassos, alegrias e dores.

Mergulhem nessa narrativa apaixonante que começa na página 11!



Figura 2 - A Comunidade do Horto Florestal resiste sempre!

O Estrangeiro



Figura 3 - Presenças que escondem trocas psicossociais digitais: cada um com uma telinha na mão!

**Contribuições
metodológicas do campo da
antropologia digital para as
ciências sociais**

O grupo de pesquisa **MEDIATIO** mostra a importância de experiências que têm como base a fundamentação teórica da antropologia digital. Graças a ela, pesquisadores podem

melhor conhecer os processos culturais onde estão imersas diferentes comunidades, com o amparo do aparato metodológico da etnografia.

Vejam como a antropologia digital ajuda pesquisadores a imergir comunitariamente: página 21!

Todo mundo já ouviu falar em diásporas e redes digitais. Mas tudo junto? Pois é! O **DIASPOTICS** explora o fenômeno da imigração e a integração de estrangeiros no Brasil. Fazendo uso da Internet, de um lado acolhe pessoas vindo do exterior (desde imigrantes a refugiados) e, de outro, sensibiliza a população sobre esse fenômeno.

Descubram os sites de apoio aos estrangeiros na página 17!



Figura 4 - Encontro de migrantes no Rio de Janeiro



Figura 5

Roda de Conversa onde participaram moradores, pesquisadores da UFRJ e amigos da comunidade do Horto Florestal.

Comunidade Horto Florestal: Ação e Transformação

Caminhos e descaminhos de um projeto de extensão



Figura 6

Encontro na AMAHOR

Aline de Carvalho
doutoranda PPG EICOS/IP/UFRJ

Almir F. dos Santos
doutorando PPG EICOS/IP/UFRJ

Nicholas dos S. F Corrêa
graduando IFCS/UFRJ

Milton N. Campos
docente PPG EICOS/IP/UFRJ

"Comunidade Horto Florestal: Ação e Transformação" é um projeto de extensão da Escola de Comunicação da UFRJ que tem por objetivo apoiar processos de mobilização comunitária de mobilização comunitária de jovens através da interação criativa entre a comunidade acadêmica da universidade e a comunidade do Horto Florestal, no Jardim Botânico, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O projeto buscou integrar ensino, pesquisa e extensão, articulando atividades da graduação e pós-graduação junto a moradores e amigos da comunidade. A primeira etapa do projeto foi realizada ao longo do ano de 2019 tanto na comunidade do Horto Florestal como no campus da Praia Vermelha. Suas atividades foram suspensas em 2020 em função da pandemia do COVID-19 (CARVALHO; CAMPOS, 2019). Buscou também, circularmente, potencializar discussões a respeito de práticas epistêmicas comunitárias (CAMPOS, 2006).

O Horto Florestal é um espaço urbano privilegiado pela natureza, cedido à época da colonização para os trabalhadores que migraram para a região em função da construção do Jardim Botânico. O local, hoje, tem sido palco de demandas de interesse territorial por parte do poder público e do capital especulativo imobiliário, com ações para reintegração de posse de terrenos públicos, apoiado por segmentos representativos da grande mídia. Por gerações, a comunidade tem resistido coletivamente na luta em defesa da manutenção do seu direito à moradia, justiça social e preservação da natureza local (SANTOS, 2018).

Sob o formato de uma pesquisa-ação participativa, seu objetivo nesta fase inicial consistia em conhecer e fortalecer as iniciativas já existentes na comunidade, ao passo que buscou apoiar o processo de aprendizagem dos jovens graduandos da UFRJ na aplicação prática e social dos seus conhecimentos, para além dos muros da da universidade. Dessa maneira, desde fevereiro de 2019, sob a forma

...a comunidade tem resistido coletivamente na luta em defesa da manutenção do seu direito à moradia, justiça social e preservação da natureza local.

de uma pesquisa-ação participativa, dentro da tradição metodológica da ecologia dos sentidos (CAMPOS, 2015), seu objetivo nesta fase inicial consistia em conhecer e fortalecer as iniciativas já existentes na comunidade, ao passo que buscou apoiar o processo de aprendizagem dos jovens graduandos da UFRJ na aplicação prática e social dos seus conhecimentos, para além dos muros da universidade. Dessa maneira, desde fevereiro de 2019, começamos a realizar junto à Associação de Moradores uma série de encontros temáticos ligados a assuntos como cidadania, redes, território, inclusão social, lideranças, sustentabilidade, cultura e comunicação. Dessa forma, pudemos observar conjuntamente a dinâmica de engajamento e mobilização comunitária no local, mapear as habilidades e potenciais tanto no território quanto no grupo e encerramos este primeiro ano do projeto com um pequeno núcleo engajado na realização de projetos no local. A seguir relatamos como se deu este processo, alguns aprendizados e percepções.

Metodologia

Partindo da premissa de que a construção de saberes na Psicologia Social parte e se constitui em processos sociais e coletivos (SPINK, 2002), o método escolhido para desenvolver este trabalho foi o da Pesquisa Ação Participativa (FALS-BORDA, 1991). Em poucas palavras, trata-se do seguinte: a

a partir do questionamento sobre o que pode ser feito (ação) para mudar determinada realidade investigada (pesquisa), o pesquisador se envolve diretamente, para além de ser um isento observador (participativa). Orlando Fals Borda (1991) nos lembra que a produção de conhecimento em si é uma estratégia política, e defende transformar a relação entre investigador e investigado no sentido de “conferir autonomia e identidade no exercício do contrapoder popular” (p. 196).

Sob esta perspectiva, optamos como primeiro passo desta pesquisa realizar um mapeamento sociocultural. Ao longo do ano de 2019, buscamos compreender o momento atual da comunidade, seu envolvimento, e o grupo de pessoas, instituições e redes que compõem o universo do projeto, que viabilizariam e/ou seriam impactadas com a realização das ações. Uma referência que inspirou este processo foi a metodologia do projeto Santo Amaro em Rede, um mapeamento das dinâmicas socioculturais da região sul de São Paulo, feito pela equipe de pesquisadores do Instituto Pólis, do SESC Santo Amaro e jovens de 18 a 29 anos, entre 2008 e 2010 (DO VAL; PEREIRA, 2011). Os autores nos alertam que:

“A realização de um mapeamento sociocultural revela-se sempre um grande desafio. Como é um modo de apreender uma realidade complexa e diversa, que se realiza por meio de um processo de construção e reconstrução constante, há diversas formas de fazê-lo mais contundente



Figura 7

Mapeamento do território

sobre a importância da ideia de e inúmeros critérios sobre a definição do que mapear. No limite, as metodologias de um mapeamento, as definições sobre onde, o que e como mapear são ferramentas que devem ser construídas no próprio processo de trabalho, conforme a peculiaridade do mapeamento e do que será mapeado.” (p. 23)

No sentido proposto pela referida metodologia, um processo de mapeamento se constrói, seguindo-se as etapas de **Descobrir, Conhecer, Organizar, Classificar, Desvelar, Apropriar e Aprofundar** (DO VAL; PEREIRA, 2011).

Assim, podemos ler a experiência deste primeiro ano do projeto Comunidade Horto Florestal da seguinte forma:

1) **Descobrir.** O que fizemos nesta primeira etapa do projeto: chegar na comunidade, ouvir, observar. Desde agosto de 2018 foi iniciado um processo de interação da equipe universitária com a Associação de Moradores do Horto Florestal (AMAHOR) para articular o projeto de extensão, no qual pudemos começar a conflitos e parcerias.

2) **Conhecer.** O que descobrimos neste processo de interação: o que estaria para além do que estaríamos vendo? A partir de fevereiro de 2019 começaram os encontros na comunidade, com a participação de moradores, estudantes da UFRJ e parceiros. O mais interessante desta primeira etapa foi que a principal necessidade identificada pela turma de estudantes de graduação que participou do projeto foi justamente conhecer melhor a comunidade na qual estávamos chegando, em termos do território, seus agentes, histórias e necessidades. Foi iniciado, assim, em abril, um mapeamento cultural do território com registros em um mapa impresso, onde fizemos constar as percepções preliminares reunidas a partir das conversas realizadas nas reuniões abertas à comunidade com lideranças locais. Além de algumas visitas às casas dos moradores.

3) **Organizar:** Momento no qual pegamos todas as observações de campo e refletimos: o que estaria para além do que está sendo dito e como nos relacionamos com isto? Foi precisamente o processo de avaliação que fizemos ao final do primeiro semestre, sistematizando em *post its* as necessidades e potências observadas, os aspectos positivos e negativos do projeto, além de sugestões para a sua continuidade.

4) **Classificar:** Com impressões e primeiras

...fizemos constar as percepções preliminares reunidas a partir das conversas realizadas nas reuniões abertas à comunidade com lideranças locais.

conclusões organizadas, desenhamos um plano de ação para o segundo semestre, buscando responder a algumas necessidades que observamos, com bases nos recursos materiais e imateriais que identificamos disponíveis em nossa rede de apoio.

5) **Desvelar:** Esta etapa “*consiste em tornar público não apenas os resultados da pesquisa, mas também o conjunto de mapeados em suas especificidades e no que há de comum entre eles*” (DO VAL; PEREIRA, 2011, p. 65), ou seja, precisamente quando nos olhamos e constatamos quem éramos enquanto grupo e o que poderíamos fazer juntos. No caso do nosso projeto, tratou-se do período entre o último encontro em junho, quando apresentamos para a comunidade os primeiros resultados obtidos, e nossa proposta para o semestre seguinte, apresentada em agosto, que poderia ser apropriada pela comunidade ou não.

6) **Apropriar:** Ao longo do segundo semestre, as realizações e mudanças no planejamento, a recepção da comunidade e a adesão de jovens foram indicadores do quanto o projeto foi recebido, aceito e incorporado pelos envolvidos para se desenhar novas possibilidades efetivas de ação.



Figura 8

Planejamento do mapeamento sociocultural junto à Comunidade do Horto Florestal.

7) **Aprofundar:** o segundo semestre, que havia iniciado com a proposta de aprofundar o mapeamento, nos revelou um novo caminho para a continuidade da ação: ter clareza do que nos unia enquanto grupo e o que concretamente iríamos realizar, para além do mapeamento. Terminamos esta etapa adiando o plano de efetivamente realizar o mapeamento cultural da comunidade em 2020 e optamos por nos concentrar no segundo semestre de 2019 em reconhecer e fortalecer - não mais “a comunidade”, por um lado, e “o pessoal da UFRJ”, por outro, mas enquanto um único núcleo de ação.

Algumas percepções e resultados

Uma das primeiras e mais fundamentais

percepções a respeito do processo de mobilização comunitária no local é a questão da divisão territorial dentro deste “todo” que é o Horto Florestal, no qual cada localidade possui suas próprias dinâmicas geográficas e culturais: Alto Pacheco Leão, Kaxinguelê, Grotão, Balança, América Fabril etc. No que foi possível observar ao longo de 2019, percebemos um controverso “senso de comunidade” entre os moradores. Por um lado, existe uma memória coletiva sobre “os bons tempos do passado”, e em cada oportunidade são contadas histórias narrando os tempos dos pais e avós dos moradores com os quais tivemos contato. Por outro lado, a mobilização comunitária se dá de forma segmentada: seja através de atividades culturais populares como rodas de samba e festas juninas organizadas por

grupos específicos, seja pontualmente em caso de remoções, quando alguns se mobilizam em grupo para apoiar um morador sob ameaça, por solidariedade, e também para poder contar com a ajuda coletiva caso sua moradia também venha a estar sob risco.

Curiosamente, a posse do terreno é a principal questão que une e, ao mesmo tempo, divide os moradores: por se verem sob constante ameaça de remoção, muitos parecem evitar fazer planos a longo prazo em termos de melhorias físicas em suas casas ou em relação à vizinhança, o que parece esvaziar uma certa predisposição à mobilização comunitária. As fortes chuvas que acometeram o Horto em abril de 2019, enquanto o projeto de extensão estava sendo realizado, reforçaram este problema (e impactaram diretamente nossa estratégia de ação): os moradores cujas casas foram atingidas estavam, com razão, mais preocupados em reconstruir suas vidas do que com processos de mobilização comunitária, inclusive cobrando da Associação de Moradores soluções e medidas que estão fora do seu mandato. Enquanto isso, moradores das casas não atingidas, de uma forma geral, pareceram prestar pouca solidariedade em termos de ações públicas e coletivas, tendo como prioridade a preocupação em manter legalmente suas próprias casas. Este exemplo ilustra o desafio de pertencimento à comunidade que, vivenciando as mesmas ameaças de remoção, se encontra dispersa em distintas localidades do território e sem necessariamente uma mesma estratégia de ação articulada.

Enquanto uns se ocupavam em mapear as necessidades dos moradores, alguns se dedicavam a arrecadar alimentos, roupas, produtos de limpeza e materiais de construção, outros buscavam se articular com os órgãos públicos responsáveis, ao passo que muitos estavam tentando lidar



Figura 9

Logo da Comunidade do Horto Florestal.

emocionalmente com suas perdas, ou simplesmente seguindo suas vidas. Com isto, pudemos perceber que a dimensão do medo atua, nesse momento, de forma diferente de acordo com a perspectiva, contribuindo, de fato, para a desarticulação comunitária verificada. Por um lado, pessoas que tiveram suas casas afetadas buscando reconstruir suas vidas ainda no período de chuvas e sob ameaça de novos desabamentos. Por outro, aqueles que não tiveram suas moradias afetadas, mas que evitavam se expor em ações coletivas com receio de terem suas casas condenadas à remoção, justificada pelo desastre na região.

Sobre a perspectiva do processo de mobilização comunitária, a Associação de Moradores, principal parceira do projeto e porta de entrada na comunidade, também é objeto de contradições. A organização, embora realize diversas ações em prol dos moradores, possua uma considerável infraestrutura física e incidência política em



Figura 10

Emerson de Souza, presidente da AMAHOR

movimentos sociais fora do Horto, tem sua liderança legitimada somente por parte, mas não todos os moradores. Aos poucos, fomos nos dando conta de que se há muitas atividades comunitárias lideradas por ela, acontecem uma série de outros movimentos paralelos à AMAHOR, liderados por outras pessoas (projetos, festas etc). Assim, o que poderia representar uma instância comum para mobilização da comunidade apresentase, algumas vezes, de forma esvaziada no que diz respeito à participação da construção deste espaço político, muito embora a liderança eleita traga uma genuína vontade de renovação e colaboração. Isso parece explicar (ao menos em parte) o esvaziamento

Curiosamente, a posse do terreno é a principal questão que une e, ao mesmo tempo, divide os moradores.

das atividades propostas no primeiro ano do projeto, o que nos convidou a repensar a estratégia de inserção, assim como com quais narrativas o projeto deveria se apresentar para a continuação do processo.



Figura 11
Mutirão de coleta de lixo na Comunidade do Horto Florestal

Também pudemos constatar que, na primeira fase, foram majoritariamente os jovens universitários que se aproximaram do projeto, por um incentivo direto: a creditação de horas de extensão em seu currículo acadêmico, requisito obrigatório para sua formação segundo a reforma curricular da UFRJ. No entanto, os jovens moradores do Horto não responderam ao chamado à participação conforme esperávamos e, com isso, foi preciso mudar a estratégia: ao invés de decidirmos nossas ações em função de atrair esses jovens, compreendemos que faria muito mais sentido agir em função do que nos motivava, enquanto grupo e também individualmente.

Além de diversas reuniões de equipe, tanto no Horto quanto na UFRJ, foram realizados seis encontros abertos à comunidade na AMAHOR (fevereiro, março, abril, junho, agosto e setembro) e também tivemos algumas atividades de harmonização entre nosso grupo e o campo: Em abril, fizemos uma bem sucedida campanha de doação de roupas, mantimentos e produtos de limpeza por ocasião das fortes chuvas que atingiram a comunidade durante a realização do projeto. Em agosto, realizamos um Mutirão Criativo para limpeza e pintura da estrutura exterior da casa da AMAHOR, a pedido da própria associação. Fazendo a raspagem do limo, redescobrimos antigos símbolos ali grafitados (como uma imagem da borboleta símbolo do Horto). Ao pintarmos as paredes, construímos novas telas (não em branco ou ingênuas, mas históricas) que iriam receber novos símbolos construídos pela comunidade e associação. Já em setembro, tivemos outro mutirão. Cinco pessoas de nossa equipe fizeram a coleta de lixo espalhado próximo a um riacho onde afluem, vindas da floresta, as águas do território, em uma região de dispersão desses resíduos domésticos. Nesta ação, além de contribuir para a preservação da biodiversidade, a não poluição das águas e

atender a um princípio de cidadania, pudemos perceber maior participação da comunidade que, ao passar e observar a ação de forma curiosa, ampliou-se, alguns moradores se juntaram a nós.

Outra parceria articulada pelo projeto foi junto ao Laboratório de Inovação Cidadã, uma espécie de mentoria realizada pelo Pontão da ECO e Mídia Ninja para empreendimentos sociais que tenham como horizonte a inovação cidadã que permitem a experimentação, a aprendizagem e o protótipo de soluções. Os laboratórios de inovação cidadã (LABICs) são espaços criados para sistematizar, desenvolver, apoiar e acelerar essas propostas, que surgem e têm potencial para serem replicadas ou para ativar outras ações, pesquisas e iniciativas. Assim, entre setembro e dezembro, os alunos nomeados para representar o projeto na mentoria participaram das palestras e receberam consultoria nas áreas de administração, gestão de pessoas, mídias sociais e recursos digitais.

Até o final do ciclo de 2019, participavam ativamente do projeto seis moradores e oito alunos de graduação da UFRJ de diferentes cursos (psicologia, arquitetura, ciências sociais, biologia e química). O projeto também contou com um grupo de whatsapp entre os participantes, moradores da comunidade e parceiros externos, e três grupos de trabalho para apoiar o desenvolvimento das atividades, por iniciativa dos próprios alunos (Produção, Comunicação, Mobilização), que se encontravam parcialmente ativos até o encerramento das atividades. Também contamos com a parceria, além da AMAHOR, da CAPES, do Laboratório de Inovação Cidadã, do Gaia Jovem e do bloco de carnaval ecológico Vagalume O Verde.

*...é a comunidade em seu território
que define suas necessidades
e quais recursos potenciais está disposta a oferecer.*



Figura 12

Planejamento do mapeamento sociocultural empreendido junto à Comunidade do Horto Florestal.

Conclusão

Através de um processo de mobilização comunitária integrando jovens estudantes universitários e jovens moradores da comunidade do Horto Florestal, este projeto partiu da convicção de que a universidade pública possui um papel social a ser cumprido. No nosso caso, tratou-se de uma produção de conhecimento científico (pesquisa) através de um processo de

aprendizagem (ensino) transformador de realidades individuais e coletivas (extensão).

Entendemos que é a comunidade em seu território que define suas necessidades e quais recursos potenciais está disposta a oferecer, e que é em função deles que as ações do projeto deverão se desenvolver no futuro. Após alguns meses de interação, questionamentos e aprendizados, formulamos, conjuntamente, o seguinte

objetivo geral do projeto: *“compartilhar experiências e processos de mobilização comunitária, visando a reintegração entre ser humano e natureza, a justiça social e a preservação do território do Horto Florestal, resgatando a memória local e a auto estima de moradores, estudantes e parceiros do projeto”*.

Nesta primeira fase, o escopo do projeto voltou-se para a chegada na comunidade e criação de laços afetivos, além de instituir e fortalecer um núcleo gestor das atividades. No entanto, tendo em vista o momento político que vivemos em 2019, a ausência de recursos do projeto, o baixo envolvimento da comunidade e o fato de que se tratava de uma ação até então desconhecida pelas partes envolvidas, os resultados, ao final, poderiam parecer pouco salientes para aqueles que talvez estivessem mais interessados em repercussões concretas do que um processo de mobilização comunitária na forma de uma pesquisa ação participativa, com todas suas etapas, descobertas e mudanças de rota. Com isso, a mobilização para participação no início de 2020, que já estava em busca de novos caminhos para se reorientar, foi finalmente interrompida com a pandemia do novo coronavírus e a necessidade de isolamento social enquanto estratégia coletiva. Optamos, finalmente, por interromper as atividades do projeto de uma maneira geral, confiantes de que, quando for possível, poderemos voltar às ruas com segurança, construir novos desafios conjuntos com a comunidade do Horto Florestal, bem como renovar a esperança nos processos coletivos como caminhos potentes e desafiadores para a mobilização comunitária, em busca de justiça social.

Agradecimentos

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, pelo apoio através de bolsa de estudos de doutorado.

À FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro, pelo apoio através de auxílio à pesquisa.

À AMAHOR - Associação dos Moradores do Horto Florestal, pelo apoio, parceria e cogestão comunitária do projeto.

Aos moradores da Comunidade do Horto Florestal, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro, pelo acolhimento, pelas portas abertas, pelos compartilhamentos e pela colaboração.

Lista de referências bibliográficas

CAMPOS, M. N. *Traversée. Essai sur la communication*. Berne: Peter Lang Éditions scientifiques, 2015.

_____. Des communautés de pratique aux communautés épistémiques. In: PROULX, S.; POISSANT, L.; SENEAL, M. *Communautés virtuelles: penser et agir en réseau*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2006.

CARVALHO, A.; CAMPOS, M. N. "Comunidade Horto Florestal: Ação e Transformação". *XIV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã*. Apresentação de trabalho no GT2 Culturas Populares, Identidades e Cidadania. Niterói: Universidade Federal Fluminense, outubro, 2019.

DO VAL, A. P.; PEREIRA, A. B. *Santo Amaro em Rede: Culturas de Convivência*. São Paulo: SESC/SP, 2011.

FALS BORDA, O. *Action and Knowledge: Breaking the Monopoly with Participatory Action-Research*. London: Intermediate Technology Publications, 1991.

SANTOS, A. F. *"Se a sua moradia está em risco a sua liberdade também está": Ameaça à Moradia e Sentimentos de Liberdade de Jovens da Comunidade do Horto Florestal do Jardim Botânico, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado*. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social) – Instituto

de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SPINK, P. K. *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*. Núcleo de Organizações e Ação Social. São Paulo: PUC, SP, 2002



Figura 13

Confraternização artístico-cultural com imigrantes e brasileiros, no Rio de Janeiro.

O Estrangeiro

Um ecossistema webdiaspórico a serviço dos migrantes, refugiados e pesquisadores da questão migratória no Brasil



Figura 14

Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas

João Paulo R. T Coelho
doutorando PPGCOM/ECO/UFRJ
Catalina Revollo Pardo
pós-doutoranda PPG EICOS/IP/UFRJ
Mohammed ElHajji
docente PPG EICOS/IP/UFRJ

O ecossistema webdiaspórico composto pelo site O Estrangeiro [<https://oestrangeiro.org/>], seu espelho no Facebook [<https://www.facebook.com/oestrangeiro.org/>], o grupo Brasil País de Imigração [<https://www.facebook.com/groups/brasil-paisdeimigracao/>] e o site de pesquisa e referência Diaspotics – Migrações Transacionais e Comunicação Intercultural [<https://diaspotics.org/>], constitui a base de um projeto de Extensão promovido pelo Grupo de Pesquisa Diaspotics desde 2012 e registrado formalmente na Pró-reitora de Extensão da UFRJ em 2018. A iniciativa é executada segundo uma tripla perspectiva de atuação: Formação, Informação e Apoio aos Migrantes e Refugiados (ELHAJJ; ESCUDERO, CASTRO, 2018).

O caráter formativo se dá por conta do trabalho de formação de discentes de iniciação científica, graduação em geral e pós-graduação, notadamente do Instituto de Psicologia junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades do Instituto de Psicologia (EICOS) da UFRJ, mas também do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM). Ao longo de cerca de oito anos de história, essa comunidade vem produzindo conteúdo para a rede.

A especificidade informativa deve-se à função de compartilhar experiências tanto junto às comunidades locais como expandidas pelo país e no estrangeiro. O ecossistema divulga: notícias, história, legislação, eventos, legado e trocas culturais, pesquisas científicas, associações, dados em geral, oportunidades de estudo e trabalho para estrangeiros no país, entre outras temáticas. O Estrangeiro/Brasil País de Migração prega comunhão de valores. Nossos valores: pensamento crítico, o humanismo, a dignidade e os direitos humanos, a justiça social, a democracia e, sobretudo, a liberdade de ir e vir.

O apoio a migrantes e refugiados ocorre, além

*...Nossos valores:
pensamento crítico, o
humanismo, a dignidade e
os direitos humanos, a
justiça social, a
democracia e, sobretudo,
a liberdade de ir e vir.*

da divulgação das oportunidades de estudo e trabalho descrita acima, através de criação de postagens contendo informações sobre a documentação ou outras informações básicas necessárias a quem migra para o Brasil. Não por acaso, as páginas mais lidas do site O Estrangeiro são as que hospedam esse tipo de conteúdo, com dezenas de milhares de cliques.

O ecossistema também está constantemente em contato com esses sujeitos migrantes, que enviam mensagens, nos diversos canais, expondo demandas específicas. Suas questões vão desde dúvidas com documentação e legislação até a vontade de contar suas histórias. Depoimentos de refugiados e migrantes já foram publicados tanto em forma de entrevista quando em textos escritos, geralmente com design e tamanho livres, por eles mesmos.

Objetivos

Os objetivos do ecossistema webdiaspórico são de, a partir da formação de estudantes e pesquisadores no ambiente universitário, fornecer informações sobre migrações e o estabelecimento de espaços de debate e troca online. Tem também como objetivo apoiar tanto imigrantes,

quanto refugiados e estudantes estrangeiros no Brasil, independentemente de sua origem, classe social, etnia ou credo. Orientar, informar e dar a palavra a esses mesmos imigrantes, denunciando, quando preciso, atitudes discriminatórias, preconceituosas ou contrárias aos princípios de respeito e dignidade humana, são também metas constantes do trabalho da equipe. Abrir espaço aos cidadãos interessados pelo tema ou preocupados com a questão, constituir uma plataforma de atuação junto à mídia, à sociedade civil e à opinião pública, assim como agregar instituições sociais, políticas ou humanas implicadas na questão migratória no Brasil têm sido ações constantes que incluem também a colaboração com redes de pesquisa que têm o fenômeno migratório como foco de ação e atuação.

Cobertura e atuação nas migrações para o Brasil

Ao longo de sua história, o projeto vem organizando comunicações sobre as migrações, estabelecendo, simultaneamente, uma atmosfera de diálogo e troca de informações com os migrantes, refugiados, pesquisadores da área, membros de associações relacionadas às migrações e indivíduos que simpatizam com o tema (ELHAJJI, 2017; REVOLLO PARDO; 2018).

Os principais fluxos migratórios para o Brasil, nos últimos anos, foram cobertos pelo Estrangeiro enquanto aconteciam, especialmente a vinda de haitianos, sírios e,

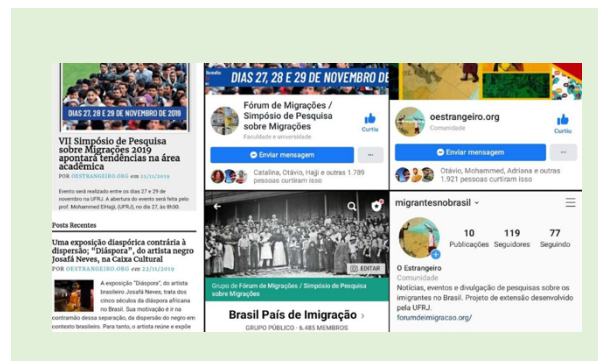


Figura 15
Atividades de O Estrangeiro

mais recentemente, de venezuelanos para o país. Muitas vezes recebeu em primeira mão os depoimentos e divulgando as narrativas de indivíduos que vieram desses países, como por exemplo as do poeta haitiano Rei Seely e de Taj Din, sírio dono de um restaurante na Tijuca. Também buscou-se potencializar a voz de imigrantes que entraram em contato com o projeto de extensão e enviaram seus relatos sobre a empreitada migratória, como foi o caso do tradutor e revisor de conteúdo na web, o italiano Federico Jorio. Os alunos de graduação e pós-graduação que vêm contribuindo para o projeto também fizeram clippings mensais das principais notícias relativas aos acontecimentos relativos às migrações.

O legado das migrações no país, assim como processos de interculturalidade no Brasil, proveniente de trocas culturais ocorridas aqui ao longo da história, é um dos principais temas abordados pelo Estrangeiro. Como exemplo temos a história das migrações italiana e japonesa para o Rio de Janeiro e São Paulo, as raízes pomeranas

no Estado do Espírito Santo, as tradições russas que permanecem presentes na cultura de regiões específicas do Paraná, a luta para preservar os dialetos Talian e Hunriqueano no Rio Grande do Sul, assim como a importância da Sociedade dos Amigos da Rua da Alfândega e Adjacências (SAARA), que agrega comerciantes árabes, judeus, chineses e brasileiros no Centro do Rio de Janeiro.

Ações do Governo, marcos jurídicos e indicações sobre como proceder para adquirir documentos relativos à migração e ao refúgio foram noticiadas no *Estrangeiro*, por vezes em artigos comentados criticamente por estudiosos do tema. Podemos destacar quando, em 2014, o Rio de Janeiro foi o primeiro Estado da Federação a ter um plano de acolhimento de refugiados; o Projeto de Lei 2516/2015 que visava à redução de diferenças legais entre brasileiros e estrangeiros, aprovado em 2017 com alterações, assim como, já em 2019, um texto discutiu a Portaria nº 666/2019, do Ministro da Justiça Sérgio Moro, que propunha o enquadramento do estrangeiro como possível “pessoa perigosa”.

Outro ponto importante é a interação do projeto de extensão com associações em prol da migração. Instituições formadas por ou trabalhando junto de migrantes e refugiados no Brasil visitaram ou foram visitados pelo *Estrangeiro* em encontros, entrevistas ou eventos. Alguns foram o Abraço Cultural, escola de idiomas com professores refugiados; a Associação judaica progressista Scholem Aleichem de Cultura e Recreação (ASA), que promove debates, cursos e seminários sobre o legado dos migrantes judeus; a organização África do Coração, fundada pelo congolês Jean Katumba e que tem como objetivo ajudar no acolhimento de refugiados no Brasil; além da ONG Mawon, fundada pelo haitiano Bob Montinard e sua esposa francesa Mélanie Montinard, com o objetivo de assessorar migrantes com sua documentação no país.

*A equipe de O Estrangeiro
transforma estudos sobre
os fluxos migratórios em
informações mais
acessíveis para o público
migrante e brasileiro
presente em seus canais.*

A cobertura e a organização de eventos culturais e acadêmicos sobre as migrações e o refúgio no Brasil também é um traço do projeto de extensão *O Estrangeiro*. Entre os eventos cobertos temos o *Festival de Día de Muertos* mexicano no Rio de Janeiro; o Rio Refugia, que marca o Dia do Refugiado; a feira mensal Chega Junto, onde brasileiros, migrantes e refugiados vendem seus produtos; além de eventos do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) sobre astronomia e multiculturalidade.

Dentre os eventos organizados, destacamos a Feira Retirantes, Imigrantes e Refugiados, em parceria com a Biblioteca Parque da Rocinha e diversas associações; o evento Migrações e Refúgio – Presença, História e Desafios no Rio de Janeiro, junto com a Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ; além do Fórum de Migrações e do Simpósio de Migrações. Os dois últimos reúnem estudiosos brasileiros e estrangeiros para apresentar trabalhos e realizar mesas de debates sobre o tema das migrações para o Brasil.

A equipe do *Estrangeiro* transforma estudos sobre os fluxos migratórios em informações mais acessíveis para o público migrante e brasileiro presente em seus

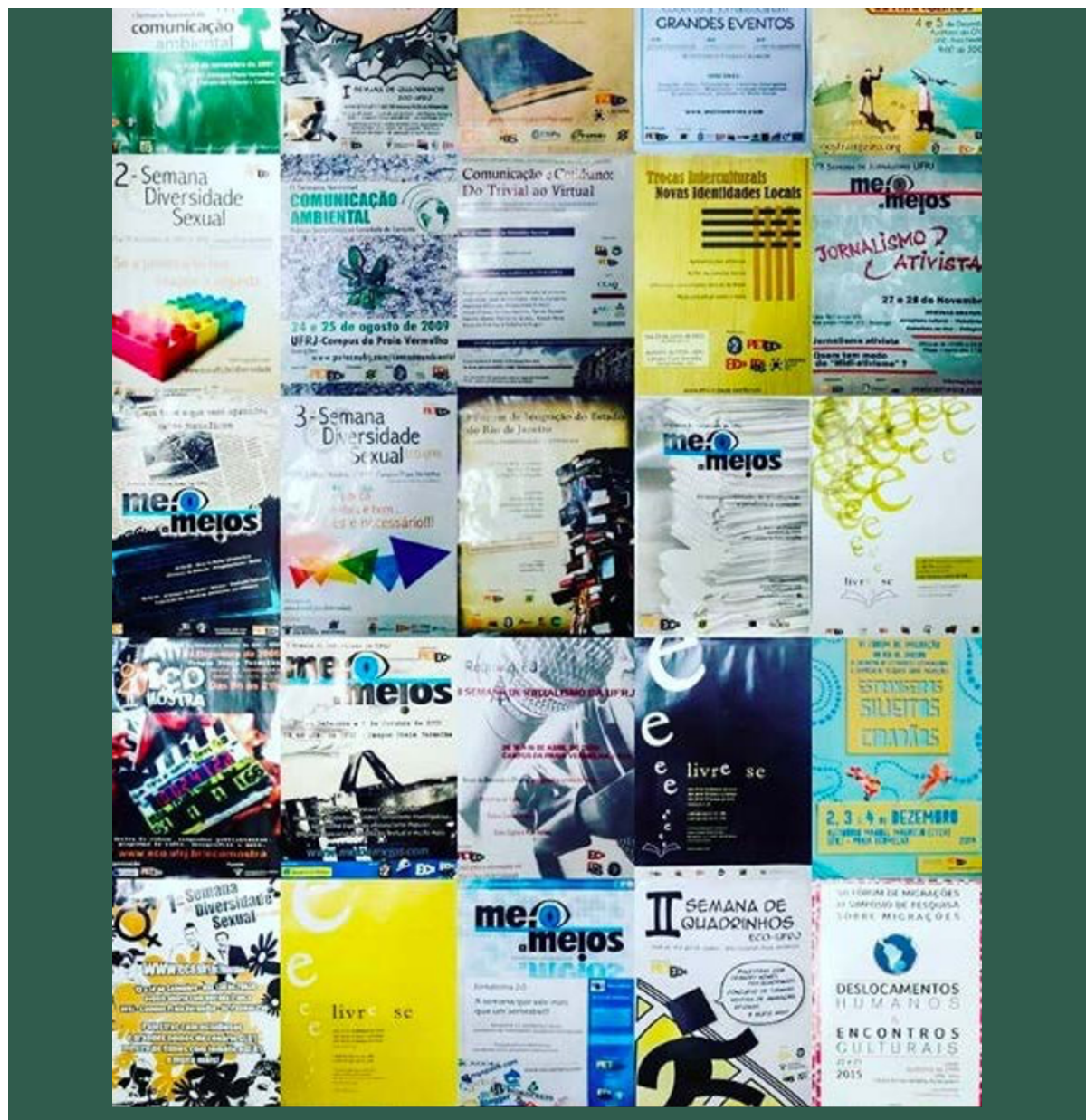


Figura 16

Eventos organizados pelo ecossistema webdiaspórico O Estrangeiro.

canais. Já foram divulgadas, por exemplo, pesquisas sobre a espacialidade urbana e as migrações, as relações entre os estados e a empreitada migratória, a importância das celebrações das origens para a construção das identidades sociais de migrantes, além de

muitas outras como as sobre crianças migrantes (ASSUMPCÃO; COELHO, 2020).

Outro serviço informativo está relacionado aos estudantes estrangeiros no Brasil, através

da divulgação de estatísticas sobre o tema em determinados estados da federação, processos seletivos com vagas de pós-graduação para migrantes e refugiados ou até os períodos de realização do exame de proficiência em português para estrangeiros CELPE- Brase. Um momento importante coberto pela extensão foi o programa Erasmus Mundus para o Brasil, em março de 2013.

Canais e dados

O site oestrangeiro.org já publicou cerca de dois mil textos, tendo havido já mais de milhão de visualizações de páginas, com centenas de milhares de visitantes diferentes, além de cerca de quatro mil pessoas cadastradas para receber, por e-mail, mensagens alertando sobre as atualizações de novas publicações. A página inicial é dividida em sete seções que distribuem os artigos por temas: imigrantes e refugiados, com eventos e depoimentos de sujeitos; estudantes, trazendo informações sobre ensino e migrações; legislação brasileira sobre migrações e refúgio; diáspora, com dados de diásporas de diversos povos para o Brasil; análises sobre diferentes temas relativos à migração; publicações, seção que abarca estudos redigidos por estudiosos das migrações no país.

Os artigos mais lidos do site foram predominantemente os que continham informações sobre a documentação de estrangeiros no Brasil como “CPF para estrangeiros”, “Documentação para estrangeiros” e “Como solicitar vistos e naturalização”. Esses dados, se considerado o grande número de acessos aos textos destacados, permitem ressaltar a importância do Estrangeiro como canal de informação e apoio de pessoas que migram ou pretendem migrar para o Brasil.

O grupo do Facebook “Brasil” - País de



Figura 17

Migração venezuelana para o Brasil.

Imigração foi fundado em 2012 e conta hoje com cerca de seis mil e quinhentos membros. O espaço virtual se tornou uma comunidade que reúne indivíduos migrantes, brasileiros interessados pelo tema e migrantólogos do Brasil e da América do Sul. Nesse local são compartilhadas notícias, normalmente de canais estrangeiros e fontes outras que a mídia hegemônica; diversos eventos culturais e acadêmicos que ocorrem em diversas cidades do Brasil e em outros países da América Latina; além de produtos concebidos e comercializados por estrangeiros como, por exemplo, vestimentas ou alimentos de outros países, com destaque para os anunciados por haitianos e venezuelanos.

Em 2019 foi criado o perfil do Estrangeiro (@migrantesnobrasil) no Instagram. Ter uma página nessa rede social é importante porque, além de ser uma plataforma que permite a interação com os seguidores e com outros perfis, torna possível cobrir em tempo real, com fotos e vídeos, eventos e

Os estrangeiros são, por excelência, paradigmas da alteridade.

depoimentos de indivíduos envolvidos com as migrações para o Brasil.

O ecossistema digital webdiaspórico vem, portanto, apoiando migrantes e refugiados no país. Mas não só: eles também apoiam quem os acolheu. Os estrangeiros são, por excelência, paradigmas da alteridade e, ao apresentarem seus olhares de fora, abrem caminhos para se enxergar o Brasil a partir de outras perspectivas. Assim, contribuem para que se possa entender melhor a sociedade brasileira, suas virtudes e mazelas.

Agradecimentos

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, pelo apoio através de bolsa de estudo de pós-doutorado.

Ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico, pelo apoio através de bolsa de auxílio à pesquisa.

Lista de referências bibliográficas

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. Narrativas, territorialidades e memória coletiva no contexto webdiaspórico. In: CASTRO, P. C. (Org.) *Circulação discursiva e transformação da sociedade*. Campina Grande: EDUEPB, 2018.

ELHAJJI, M. Migrantes, uma minoria transnacional em busca de cidadania universal. *Revista INTERIN (UTP)*, v. 22, n. 1, p. 203-220, jan./jun. 2017.

REVOLLO PARDO, C. As Redes Migratórias Político-Comunitárias tecidas pelas Mulheres Vítimas do Desplazamiento na Colômbia. *Revista O Social em Questão (PUC-RJ)*, v. 21, no. 41, p. 265-282, 2018.

ASSUMPCAO, A M.; COELHO, J. P. R. T. Crianças migrantes e o direito à educação: leituras e conversas com equatorianos na atuação voluntária do grupo DIASPOTICS. REMHU, *Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 28, n. 60, p. 167-185, Set. 2020.



Figura 18

Terrapia: o diálogo da alimentação viva na cultura local e digital. Foto de Helena Varela.

Contribuições metodológicas do campo da antropologia digital para as ciências sociais

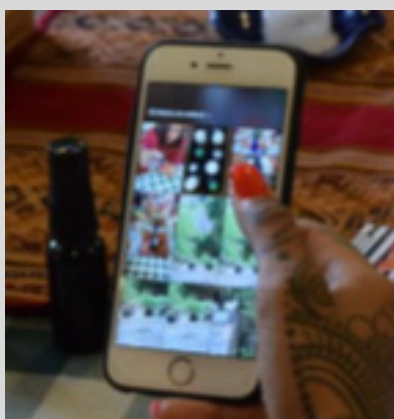


Figura 19

Encontro no celular. Foto de Isabella B. Moura

Monica Machado
docente PPG EICOS /IP/UFRJ
Rondon Machado Rosa
doutorando PPG EICOS/IP/UFRJ
Juliana Bach
mestranda PPG EICOS/IP/UFRJ
Débora Mesquita
mestranda PPG EICOS/IP/UFRJ

Introdução

A emergência do novo coronavírus no Brasil em março de 2020 impôs a cultura do *lockdown* e, conseqüentemente, rotinas de recolhimento da vida pública para o universo privado em todo o território nacional e também em diversos países do mundo. A experiência humana e todas as relações dos modos de vida: trabalho, estudo, relacionamentos afetivos, ritos e cerimônias – como enterros, celebrações religiosas, formaturas, casamentos – passaram a se efetivar de modo exponencial por mediações de telas. As sensibilidades e rotinas cotidianas – do e para o mundo – nos chegam através das janelas dos edifícios e casas e também das janelas virtuais. Obviamente aqui precisamos pontuar que o Brasil ainda é um país com forte exclusão digital e, portanto, tal experiência não é possível ainda para todos [1].

O forte impacto das mudanças de rotinas no mundo acadêmico, com ensino remoto, revelou-se, com suas contradições, como uma possível alternativa para a sustentação dos vínculos sociocognitivos para que a experiência escolar pudesse se sustentar em diversos níveis de formação. Para a pesquisa acadêmica nos espaços das pós-graduações, muitos desafios se impõem. É em função desse cenário que esse ensaio objetiva refletir sobre caminhos possíveis na contribuição de estudos de campo em ciências sociais a partir do conceito de antropologia digital. E, em especial, visa discutir caminhos percorridos por pesquisadores do nosso grupo de pesquisa do CNPQ Mediatio – Mediações, Humanidades e Subjetividades – para análise de fenômenos sociais e mediações digitais.

O conceito de antropologia digital

Os estudos do nosso grupo de pesquisa do CNPQ Mediatio – Mediações, Humanidades e subjetividades se relacionam, desde 2015,

*a experiência mediada
online tem estatuto de
autenticidade como
diversas experiências
mediadas off-line*

com o campo da antropologia digital de tradição inglesa. As ideias centrais sobre o campo da antropologia digital estão elaboradas de modo seminal no livro *Digital Anthropology* de Miller e Horst (2013). Os autores comparam o advento da cultura digital com a emergência do moderno sistema monetário – ambos regidos por vivências binárias e que dialogam entre a profusão da abstração (moeda e códigos virtuais como símbolos) e graus expressivos de dispersão – diferentes sistemas monetários e diferentes experiências culturais mediadas pelas tecnologias no mundo contemporâneo. Outra correlação interessante é a ideia de que, tanto os sistemas monetários como as tecnologias digitais, representam novas fases da abstração humana, dialogando entre a comoditização e a pluralidade de referências.

O interesse do campo antropológico pelas culturas digitais pode ser compreendido ainda pelo conceito do que Hine (2015) chama de E3 (*Internet embodied, embed and everyday*). Em outras palavras, para muitos segmentos sociais a vida cotidiana é invadida pelas trocas digitais, as mediações sociais são atravessadas por experiências com telefones celulares, relacionamentos através de redes sociais, trocas de trocas de mensagens em aplicativos de imagem, voz e textos. Toda a potência das experiências

mediadas interessa como modos de ser e estar no mundo. É nesse sentido que para o campo da antropologia, a experiência mediada *online* tem estatuto de autenticidade como diversas experiências mediadas *off-line*. A ideia de ambivalência também está presente nas análises sobre os ambientes digitais, muitos estudos etnográficos contemporâneos demonstram que os usos sociais das tecnologias digitais podem ao mesmo tempo abrir como fechar visões de mundo e proporcionar experiências positivas ou negativas. Nesse sentido, o Projeto *Kids online* coordenado pela professora Sonia Livingstone (na Inglaterra é referencial). A internet pode ser um campo de abertura de sentidos - ampliação de rede de relacionamentos, novos aprendizados, ampliação de sensibilidades cognitivas e pedagógicas - mas pode ser também espaço de fechamento quando se vê o estímulo à violência de crianças que navegam online sem controle parental, com riscos de cyber ataques, compartilhamento de mensagens agressivas. Outra referência para essa discussão é a pesquisa que desenvolvemos sobre usos sociais das tecnologias digitais no Museu de Favela no Cantagalo, Pavão e Pavãozinho (MACHADO, 2017). Observamos durante longos anos de experiência etnográfica na comunidade como os ativismos e experiências online foram potentes na multiplicação de vozes da comunidade para ampliar o acesso às atividades culturais e políticas comunitárias locais, as plataformas digitais do Museu de Favela são exemplos paradigmáticos desses bons usos. Em contrapartida, nós identificamos nos diálogos com jovens da comunidade experiências de *cyberbullying* e



Figura 20

ACompartilhamento de alquimias nas redes sociais. Foto-montagem de Isabella de Moura

atuações violentas online que exigiriam mediações pedagógicas, parentais e ações políticas efetivas para resolução de conflitos.

Por fim é importante salientar que a experiência da antropologia em contexto digital se organiza através da etnografia, essencialmente um campo teórico-metodológico por natureza antropológica. É de Miller (2013) a frase de que a internet é sempre uma “invenção cultural de seus usuários” e, por essa razão, é fundamental que pesquisadores invistam seu tempo de diálogo com interlocutores em ambientes presenciais ou digitais para que conheçam as genealogias da cultura, as relações institucionais, os vínculos entre pares, os modos de linguagens e expressões locais. Assim, o mergulho nas interatividades online se organiza sempre

em análise comparativa com as experiências presenciais do grupo investigado, assim como nos auxiliam no diagnóstico de registros que são eminentemente locais e/ ou globais. Passemos agora ao detalhamento das contribuições dos estudos etnográficos para análise do digital e, em especial, em projetos que estabelecem essa correlação em nosso grupo.

Etnografia digital

Uma pesquisa etnográfica tem por objetivo conhecer eixos, morfologias, fisiologia e fenômenos sociais (MAUSS, 2006) e conseguir interpretá-los a ponto de produzir significados (GEERTZ, 1973). A partir de uma observação minuciosa - seja ela participante ou não - o etnógrafo busca encontrar objetividades partindo de um contexto altamente subjetivo que é o das relações humanas. Por ser uma atividade empírica, faz parte do exercício etnográfico a interpretação do contexto. A partir de um estudo do campo, a ciência etnográfica utiliza-se de diversos métodos (filológico, lexicográfico, morfológico, sociológico etc.) para conseguir transformar dados em fatos, métodos esses que serão experimentados e escolhidos no decorrer da pesquisa de campo a partir do entendimento das particularidades do grupo que se está pesquisando. Dentro do ambiente digital, a etnografia não perde seu sentido, mas adapta sua abordagem para conseguir atender às minúcias e especificidades do contexto, tais como seus usos e apropriações.

O potencial etnográfico do ciberespaço foi percebido por autores como Christine Hine (2004) já no início do século. Entendendo a internet como cultura (lugar, ciberespaço) e artefato cultural (produto da cultura), a autora entende que as tecnologias podem ser estudadas enquanto espaços de flexibilidade interpretativa, com usos e sentidos próprios que devem ser investigados a partir de seu contexto. A internet pode adquirir diferentes

...a etnografia digital busca compreender as relações criadas e estabelecidas dentro da internet

significados e identidades uma vez que ela é um veículo que conduz interações sociais e um produto dessas interações (EVANS, 2010). Quando analisada dentro de seus contextos específicos, ela não possui um caráter estático e, por isso, a imersão do etnógrafo é necessária. Não basta replicarmos os métodos etnográficos convencionais para dentro do ciberespaço uma vez que o concebemos como espaço próprio de construção de sentido, mas bebemos da fonte da etnografia tradicional para o analisarmos.

Entendendo que há uma materialidade própria dentro do espaço virtual, a etnografia digital busca compreender as relações criadas e estabelecidas dentro da internet, quais os significados que essa tecnologia adquire em determinados contextos, seus fenômenos, seus efeitos e suas especificidades. A internet seria, de acordo com Hine (2015), *embedded* (incorporada), *embodied* (corporificada) e *everyday* (cotidiana) e estas características incentivariam os pesquisadores a observá-la externa e internamente, já que ela aumenta as possibilidades de conexões entre pessoas e por ser uma experiência corporificada, a qual excede as telas e age na vida dos usuários. Em outras palavras, há uma relação quase que de mutualismo entre usuários e rede, já que o meio digital se beneficia da contribuição dos usuários e vice-versa.

Em *How the world changed social media*,

Daniel Miller e colegas (2016) apresentam a perspectiva de que as relações sociais produzem mudanças nas mídias sociais de cada grupo cultural e não o contrário. As formas de se relacionar e os usos específicos do ambiente digital para cada usuário e suas comunidades virtuais fazem com que a etnografia digital não se distancie do caráter original, significativo, *insightful* [2] e sensível da etnografia dita tradicional. Daniel Miller (2017) sublinha que, ao realizar uma pesquisa etnográfica digital, o pesquisador não pode ir a campo com hipóteses rígidas, uma vez que o método etnográfico é uma forma de engajamento com as pessoas e é no campo que as descobertas dos modos de interações e usos sociais se desvendam.

Cabe ao pesquisador interpretar o contexto virtual e extrair dele as produções de significado próprios dos usuários e suas comunidades. Isabela B. Moura (2019), por exemplo, elaborou uma pesquisa etnográfica digital ao estudar a cultura *slow beauty* e a comunidade Vivo Naturalmente. A pesquisa envolveu a imersão nos grupos on-line nas redes sociais da comunidade com o objetivo de entender como se dava a construção de identidades e as relações sociais dentro destes espaços, tendo como pano de fundo a essência feminina evocada e suas dimensões políticas e sociais.

Também trabalhando no campo da etnografia digital, Helena Varella (2018) estudou o processo de sociabilidade da comunidade de aprendizado sobre alimentação viva chamada Terrapia. A pesquisa envolveu uma análise minuciosa das redes sociais da comunidade a partir de

um levantamento de imagens, análise de *hashtags*, busca geoespacial do projeto em um primeiro momento e uma relação presencial de longo termo para observação das dinâmicas rituais da comunidade, bem com as interações digitais ali produzidas. Ambos os trabalhos exemplificam os vários recursos e as possibilidades que o ambiente digital proporciona para a realização de uma etnografia.

Dialogando com a Análise do Discurso

Como vimos, os pressupostos da Antropologia Digital perpassam toda a produção do grupo de pesquisa em questão, o Mediatio. Ainda que nem todos os trabalhos empreendam uma metodologia de coleta de dados de cunho essencialmente etnográfico, todos os estudos partem de um referencial teórico que tem como base os conceitos oriundos desse campo de conhecimento. Como pode ser observado, nas publicações do grupo encontramos trabalhos em que o levantamento de material a ser analisado ocorreu por meio de pesquisa etnográfica baseada na observação participante *on* e *offline*, entrevistas conversacionais e/ou em profundidade (MACHADO, 2017; BARSOSA, 2019; OLIVEIRA A., 2020; OLIVEIRA C., 2020; VARELLA, 2018; MOURA, 2019), assim como trabalhos que partiram de dados públicos disponíveis na internet, sem a interação direta entre pesquisadores e interlocutores (HILAL, 2020, MACHADO et al, 2020).

Seja qual for a metodologia aplicada para a obtenção do material a ser compreendido

pelo pesquisador, é necessária a interpretação e sistematização do conteúdo levantado. Cabe, então, ao pesquisador a articulação de métodos que, combinados, podem ajudar nessa tarefa. Para Hine (2014) a abordagem analítica do discurso pode contribuir para a formulação de insights importantes a partir dos dados coletados em campo.

Assim, a análise do discurso de tradição francesa, ainda que não seja a única alternativa possível, coloca-se como uma escolha alinhada aos objetivos das pesquisas de inspiração etnográfica por articular texto e contexto da enunciação (ORLANDI, 1999).

Ao se falar em análise do discurso de tradição francesa, dois autores geralmente encabeçam a lista de citações: M. Pêcheux e M. Foucault. Ainda que possam apresentar divergências, suas teorias convergem ao colocar na posição central a noção de acontecimento (SARGENTINI, 2006). Pêcheux, que recupera a obra de Bakhtin, encontra neste autor a necessidade de compreender a memória como constituída de traços sócio-históricos, produzindo as discursividades. Na análise do discurso proposta por Foucault, o próprio surgimento de um enunciado deve ser interrogado enquanto um acontecimento, uma ruptura histórica e não evidente. *“Não era tão evidente que os loucos fossem reconhecidos como doentes mentais”* (FOUCAULT, 2003, p. 339 apud SARGENTINI, 2006). Deste modo, o autor se volta à singularidade do enunciado enquanto acontecimento e propõe uma maior ênfase em desvelar os processos de constituição dos saberes e dos discursos.

Segundo Orlandi, *“todo dizer é ideologicamente marcado”* (1999, p. 38 apud HILAL, 2020). Por ideologia, Orlandi se refere ao imaginário que nos relaciona com as nossas condições de existência, não como algo oculto ou conspiratório. Para a autora, a própria interpretação se relaciona com a

...Cabe ao pesquisador interpretar o contexto virtual e extrair dele as produções de significado próprios dos usuários e suas comunidades.

questão ideológica, o que explica que um mesmo dito possa ser interpretado de maneiras diferentes por pessoas diferentes. A busca pelos sentidos necessariamente passaria pela relação entre linguagem e exterioridade, em que é preciso considerar sujeito, situação e memória discursiva (ou interdiscurso). Orlandi vai além e propõe que tal memória discursiva nos constitui, mas é constituída também de esquecimento, deixando a ilusão do próprio sujeito falante como origem do discurso: esquecemos quando foi a primeira vez que ouvimos algo e passamos a acreditar que aquele sentido vem de nós mesmos (ORLANDI, 2014).

A autora argumenta que a análise do discurso trabalha com a memória dentro do texto, procurando perceber como a memória constitutiva do sujeito se revela, em dada situação, e que efeitos de sentidos são produzidos ali (ORLANDI, 2014). Passemos agora à ilustração de como o emprego dessa perspectiva se deu em trabalhos desenvolvidos por integrantes do grupo Mediatio.

Hilal (2020), em sua dissertação dedicada às narrativas digitais oriundas da campanha #primeiroassedio, em que mulheres relatavam no espaço público das mídias sociais as marcas da violência social sofridas na juventude, analisou 50

postagens feitas na rede social Twitter. Para empreender tal tarefa, a autora percorreu as condições sociopolíticas e culturais que viabilizaram a produção de tais discursos dessas mulheres na época da ação, em 2015, observando *“as condições históricas por trás da quebra do silêncio, além de outras conformações culturais, ocorridas na ocasião, para que os discursos se organizassem como tais”* (HILAL, 2020, p. 57). Nesse sentido, os comentários das mulheres na campanha #primeiroassédio foram analisados no contexto digital, mas deslizando a análise para as condições sócio-históricas de produção dos discursos.

Arize Oliveira (2020) realizou uma etnografia com participantes de uma ONG LGBTQ+ procurando compreender se, e de que maneira, a internet fortalece a comunidade em questão. Para isso, a pesquisadora se valeu da observação participante presencial em atividades da ONG Casinha, entrevistas com voluntários e análise de publicações nas mídias sociais da ONG e dos entrevistados. A partir da triangulação dos dados, em sua proposta de análise a autora *“considerou o entrelaçamento do digital com a cultura e com a socialização”* (OLIVEIRA, 2020). Inspirada por Hine (2015), Oliveira observou as escolhas e estratégias adotadas nos textos, procurando revelar configurações sociais, valores e pressupostos que emergem a partir da forma particular escolhida para descrever algo. Também no projeto as condições discursivas do grupo LGBTQ+ investigado foi mobilizado a partir da historicidade do movimento e seus desdobramentos no tempo e espaço.

Considerações Finais

O momento de maior reclusão imposto pelo cenário de pandemia mundial acentuou as discussões em torno dos usos de meios digitais para a efetivação da maior parte dos contatos pessoais e profissionais. A disseminação do novo coronavírus estabeleceu o distanciamento social como uma estratégia importante de prevenção, principalmente, com a suspensão de atividades presenciais de trabalho, educação, comércio e diversas outras atividades de produção, serviços e consumo. Os dispositivos móveis tornaram-se ferramentas ainda mais potentes para as mediações da vida cotidiana e modos de interação social. Com esse ensaio procuramos compartilhar as experiências teórico-metodológicas de nosso grupo de pesquisa do CNPQ Mediatio com intuito de colaborar em insights para diversos pesquisadores no campo social nesse contexto pandêmico, já que muitos estão impossibilitados de ir ao campo presencial até que tenhamos vacina. As pesquisas no nosso grupo, todas com pontos de contato com a antropologia digital, de natureza etnográfica ou articuladas transversalmente com outros campos como a análise do discurso, objetivam dar complexidade ao mundo digital discutindo suas potências para abertura ou fechamento de visão de mundo. As expressões comunicativas efetivas no campo digital delineiam as formações de estruturas de sociabilidade constituídas revelando paradoxos, contradições e complexidades. A proposição de Hine (2015) de que a

internet se articula de forma incorporada, envolta e cotidiana é confirmada em nossas pesquisas. A imersão em um grupo de incentivo do consumo de alimentação viva - o Terrapia - possibilitou a percepção de como uma prática voltada ao contato e preservação das propriedades físicas da alimentação viva é traduzida nas redes sociais mediadas pela tecnologia. Ao mesmo tempo, tivemos a oportunidade de discutir as argumentações de mulheres na busca de acomodação psicossocial dos traumas por intermédio da campanha #primeiroassédio. Também investigamos a regularidade das trocas de afeto que apoiam a comunidade LGBTQ+ com uma observação participante para a compreensão da ampliação do raio de atingimento com o uso das redes sociais.

Para finalizar é interessante mencionar um vídeo institucional recentemente lançado por Miller (2020) sugerindo algumas ideias que possam colaborar para pesquisadores que fariam seu trabalho de campo presencial para que invistam seu tempo de pesquisa online. Partindo da discussão sobre a etnografia em contextos comunitários, Miller argumenta que o estar lá é que vai produzir o contorno conceitual da pesquisa, por mais que antropólogos planejem uma arquitetura metodológica prévia, o trabalho de campo é que nos orienta sobre as interações sociais de um dado grupo. Sendo assim e considerando que o digital é parte do cotidiano da vida de muitos grupos sociais (não de todos, como já mencionamos aqui, especialmente nos países em desenvolvimento onde a exclusão digital ainda é alta) a recomendação da observação participante em comunidades online é uma interessante sugestão. Um caminho possível, diz ele, é ajudar a comunidade local a atuar digitalmente, assim como seria no campo presencial, o etnógrafo poderia ajudar a construir um barco ou uma casa em dado grupo social. Assim participar da criação de uma página em rede social, a criar uma revista digital ou operar aplicativos do celular é

...A experiência solidária é uma porta para entrada na vida social comunitária

participar da vida local dos moradores. A experiência solidária é uma porta para entrada na vida social comunitária e nos engajamentos que tal comunidade opera, sejam rituais, práticas sociais que desenvolvam as amizades, os relacionamentos que, nesse caso, se organizam online no contexto pandêmico, mas que fortalecem os vínculos sociais para o *offline*. A construção dessa rede de confiança é de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa. Os pressupostos éticos devem ser regulados pela sensibilidade do pesquisador em garantir privacidade aos participantes da pesquisa e confidencialidade dos dados ao traduzir o texto para o relato científico preservando a autenticidade das fontes, quando assim acordado. Miller ainda argumenta que evidentemente a experiência de observação participante online não será igual ao *offline*, questões de pesquisa e objetivos deverão ser repensados, mas o senso de cotidianidade, a compreensão de regularidades da vida cultural, a apreensão de como um dado grupo social se percebe e como lida com normas, práticas sociais e valores pode ser observado online. Por fim, ele argumenta que para aqueles dispostos a aventura da reinvenção da pesquisa, as descobertas de seus estudos podem ser efetivamente originais e surpreendentes.

Notas

[1] De acordo com o relatório da Pesquisa Tic Domicílios 2019 do CETIC.Br publicado em maio de 2020, 20 milhões de domicílios brasileiros não tem acesso a internet, o que representa 28% da população nacional. Um a cada quatro brasileiros não usa internet. Dos 134 milhões de usuários de internet no país, 99% usam os telefones celulares e, destes, 58% usam exclusivamente os telefones celulares para conexão. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf Acesso em: 15 de out de 2020.

[2] Na falta de uma tradução literal melhor, o termo insightful é entendido aqui como a potencialidade de gerar ideias, conceitos e questões que a pesquisa etnográfica possui dentro do ciberespaço.

Agradecimentos

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, pelo apoio através de bolsas de estudos de mestrado.

Ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico, pelo apoio através de bolsas de estudos de mestrado.

Lista de referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARBOSA, N. C. *O desafio da interação na solidão do hospital: limites e possibilidades das redes socioafetivas nas mídias sociais*. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- EVANS, L. Authenticity Online: Using webnography to address phenomenological concerns. In: MOUSOUTZANIS, A.; RIHA, D. (orgs.). *New Media and the Politics of Online Communities*. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2010.
- GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.
- HILAL, C. *O abuso sexual no espaço público: narrativas digitais do sofrimento*. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- HINE, C. *Etnografia Virtual*. Colección nuevas Tecnologías y Sociedad. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- _____. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. Bloomsbury Publishing, 2015.
- LIVINGSTONE, S.; HELSPER, E. J. *Gradations in digital inclusion: Children, young people and the digital divide*. New media & Society, 2007, vol. 9, no. 4: 671-9
- MACHADO, M. *Antropologia digital e experiências virtuais do Museu de Faveka*. Curitiba: Editora Appris, 2017.
- MACHADO, M., MARQUES, R, VIANA, B. J., MESQUITA, D. *De repente, escola em casa - análise da recepção digital ao aplicativo SME Carioca* 2020. Encontro virtual da ABCiber, 2020, on-line. Anais.
- MAUSS, M. *Manual de etnografia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- MILLER, D. Anthropology is the discipline but the goal is ethnography. In: HAU: *Journal of Ethnographic Theory*, v. 7, n. 1, p. 27-31, 2017.
- MILLER, D. et al. *How the world changed social media*. London: UCL Press, 2016.
- MILLER, D; HORST, H. *Digital anthropology*. London. Ed Taylor Francis, 2013.
- MILLER, D. *How to conduct an ethnography during social isolation*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCEP6WKIxxJl9jvtWfL3uvrQ> Acesso em: 27 out 2020.
- MOURA, I. B. *Bruxas de Hoje: conexões presenciais e digitais da comunidade Vivo Naturalmente*. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, A. F. S. *Lugares do arco-íris: um olhar para comunidade LGBT+ a partir da Antropologia Digital*. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Ecologia social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, C. C. M. *Relações familiares mediadas: afetos e conflitos dentro e fora do mundo digital*. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas (SP): Pontes. 1999.

_____. *Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio*. Palestra proferida no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, ago, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k4GHvFrvj0&list=PLJ1EETucCQ8rkACQzUX6LHoqo6oy6fZ9b&index=1>

SARGENTINI, V. M. O. *Os estudos do discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault*. Estudos Linguísticos XXXV, p. 181-190, 2006.

VARELLA, H. B. *Terrapia: o diálogo da alimentação viva na cultura local e digital*. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e



2020



Realização



Promoção



Apoio

